

## Histórias de crianças em situação de rua em jornais paranaenses: uma proposta de pesquisa<sup>1</sup>

Angela Maria FARAH<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP  
Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV), União da Vitória, PR

### Resumo

Esta proposta de pesquisa busca a compreensão sobre as confluências que as mudanças semânticas em torno da temática “crianças em situação de rua” podem desenvolver, trazer ou causar aos diversos atores sociais, possíveis públicos ou autores desses materiais, em seus campos de atuação, como a sociedade, o governo e a própria imprensa, representada por seus profissionais, os repórteres. Compreende-se que a reportagem é o meio de expressão da prática jornalística que define tanto o campo do jornalismo quanto o profissional. Nesse contexto, considera-se que os estudos de Cremilda Medina, sobre a produção da reportagem e suas técnicas, contribuem para compreender como a reportagem tradicional ou convencional resiste e, ao mesmo tempo, inova e alicerça a prática jornalística.

**Palavras-chave:** jornalismo; jornalismo impresso; jornalismo paranaense; reportagem; crianças em situação de rua.

### Introdução

Este artigo apresenta a proposta de pesquisa de uma discussão sobre a narrativa jornalística e suas técnicas de produção, como elementos norteadores para a compreensão de temas atuais e relevantes para o exercício da cidadania, por meio da análise de reportagens que tratem da temática “crianças em situação de rua” e as variações semânticas em torno de expressões, como “meninos de rua”, “crianças de rua”, entre outras, ao longo das últimas décadas, que podem denominar um grupo de crianças que vive nas ruas das cidades.

Desse modo, com o título provisório “A rua das crianças: as histórias das crianças em situação de rua em jornais paranaenses”, esta proposta de pesquisa buscará compreender como o jornalismo aborda a criança de/na rua, quais as percepções sobre o tema os diversos segmentos da sociedade podem ter e de que modo o repórter escuta/lê/interpreta as histórias dessas crianças de rua. Para atingir tal objetivo, serão identificadas as quatro linhas epistemológicas da reportagem dadas por Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, em 1973: “o protagonismo social, a conseqüente contextualização que, por sua vez, apresenta-

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Cursando Doutorado em Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: [angelaarah@usp.br](mailto:angelaarah@usp.br), sob orientação de Prof<sup>ª</sup> Dra. Cremilda Medina. Professora no Centro Universitário de União da Vitória (UniuV). Membro do Conselho Editorial da UniuV.

se no âmbito de raízes histórico-culturais e passa pela análise dos especialistas em diagnósticos-prognósticos sobre a circunstância em pauta.” (p.8).

A alteração dos usos semânticos como se nomeia o grupo ou o indivíduo – meninos de rua, criança de rua, menor carente, menor abandonado, menor de rua entre outros -, o tratamento e a compreensão na imprensa dessa temática é o foco central da investigação. A alteração semântica tem origem em diversos segmentos sociais, desse modo, algumas questões podem ser formuladas, como: é possível encontrar a **intercausalidade** que gera a **alteração semântica** na sociedade?; quais são as modificações provocadas por essa alteração semântica na sociedade?; de que modo esse grupo vem sendo compreendido pela imprensa?; por que esse tema não tem grande **repercussão social** e/ou quando ganha repercussão a tendência é buscar a punição, sem tentar a compreensão de sua história?; qual é o **papel da imprensa** na **formação cultural** sobre esse tema?; de que modo o **jornalismo interpretativo** (a reportagem ou a narrativa da contemporaneidade) pode contribuir para a compreensão dos fenômenos sociais?; até que ponto ou em que medida o uso semântico para referir-se à criança de rua define **seu papel sócio-político-econômico e cultural ou seu status de cidadania?** (ou até que ponto ou em que medida a palavra usada para referir-se à criança de rua define **seus papéis de atuação social e/ou sua cidadania?**); ou ainda de que modo pode-se identificar **instâncias de poder** a partir da palavra usada para referir-se à criança de rua?

Junto a leitura do material jornalístico estarão presentes, também, as noções desenvolvidas por Cremilda Medina, como a dialogia social e o signo da relação; a interação social criadora; a arte de tecer o presente ou a narrativa da contemporaneidade; o leitor cultural; e a observação-experiência; assim como a discussão, sobre a fixação no tempo documental da produção jornalística, principalmente por meio da reportagem, buscando o significado dos arquivos produzidos por centros de documentação, como é o caso do *corpus* desta pesquisa. [reportagens publicadas por 16 veículos paranaenses, entre 1969 e 2015].

### **Ao encontro das histórias e das crianças – nas ruas**

Junto à redemocratização do País, muito se pesquisou e se escreveu sobre as populações excluídas das ruas, principalmente sobre os meninos de rua, como são conhecidos ainda hoje, apesar de a nomenclatura considerada correta na contemporaneidade seja **crianças em situação de rua**. Na graduação, ao fim da década de 1990, desenvolvi o

trabalho de conclusão de curso, uma grande reportagem, sobre os meninos de rua em Itajaí, Santa Catarina, local em que cursei a Universidade<sup>3</sup>.

A postura daquele trabalho de narrar as histórias de vida dos meninos e meninas de rua e, a partir disso, tentar desvelar sua relação social, econômica e política, veio da percepção de como a mídia se comportava quando se referia a essas crianças. Desse modo, acreditava-se na importância de o jornalista caminhar junto, lado a lado, com a sua fonte, buscando sempre as histórias do ser humano semelhante. Transformar os meninos de rua em seres semelhantes talvez tenha sido o desafio maior da reportagem realizada na graduação.

Naquela época, a reportagem embasou o trabalho de acordo com a definição da ONU de 1985 para menino de rua: **Qualquer menino ou menina para quem a rua (no sentido mais amplo da palavra, incluindo casas desabitadas, terrenos baldios etc.) tornou-se sua moradia habitual e/ou fonte de sobrevivência; e que não tem a proteção, supervisão ou orientação adequada de um adulto responsável.**

Muita coisa mudou desde o projeto de graduação. Hoje, quase não se ouve mais a expressão *meninos de rua*. No entanto, eles ainda estão nas ruas, principalmente nas grandes cidades. Eles se confundem com mendigos, com drogadictos, com bandidos. Desde então, o discurso da mídia sofreu modificações por diversas razões, entre elas está o advento do **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, aprovado em 1990.

Normalmente, o que se via na mídia eram os assassinatos, as fugas de instituições, os números de menores infratores, da mortalidade e da prostituição infantil, da fome, da miséria, das drogas, da violência. Os meninos de rua eram tratados, na maioria das vezes, como estatísticas de uma sociedade embrenhada na falta de solidariedade e sensibilidade. Hoje, o que vemos, de modo bastante abrangente, são matérias sobre infrações cometidas por crianças ou adolescentes (muitas vezes graves), que, em seguida, veem com o clamor social pedindo a redução da maioridade penal.

Desse modo, pretende-se compreender como o jornalismo trata a criança de/na rua, de que modo o poder público percebe o tema e de que modo o repórter escuta essa criança na rua, a luz dos acontecimentos das últimas décadas, da legislação específica que

---

<sup>3</sup> A grande reportagem, produzida em 1998 como Trabalho de Conclusão de Curso, foi publicada na primeira edição do livro *Impressão de Jornalista*, organizado pelos professores Carlos Alberto de Souza e Jane Cardozo da Silveira, em 1999, pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). O TCC também foi apresentado no 2º Simpósio Brasileiro de Televisão, Criança e Imaginário – “O cotidiano infantil violento: marginalidade e exclusão social”, de 21 a 24 de outubro de 1998, promovido pelo LAPIC – Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação - CCA/ECA/USP.

completou 25 anos de existência e também das modificações do campo profissional que faz a mediação dessas transformações políticas-sociais na sociedade.

### **Abordagens de fundamentação**

Quando se pensa em comunicação, é preciso pensar que mais que falar, informar, passar uma informação para outras pessoas, comunicação é uma forma de ação. Dessa forma, qualquer comunicação deve ser analisada em seu contexto de produção, porque, nesse espaço, sempre estão presentes os campos de interação, definidos por Pierre Bourdieu (1992; 1997).

Nesses campos, entre várias regras, recursos e relações, constroem-se instâncias de poder, definidas por Thompson (1998) como a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências. Derivada desse campo de interações e dos poderes instituídos, outra concepção das forças lidertípicas, osmotípicas e arquetípicas, apontada por Jean Lohisse, um pesquisador belga, interpretado por Cremilda Medina (1988; 2000) e presente em suas obras, traz a compreensão da dinâmica social em que estamos inseridos.

Nas forças lidertípicas está presente o poder da ação que tenta se impor à individualidade e à diversidade. Bastante comum no mundo contemporâneo e na ideia de globalização, seja econômica, cultural ou política. Da luta entre os poderes locais de cultura, por exemplo, surge a força osmotípica, que caracteriza-se pela troca de valores entre grupos ou povos. Do imaginário popular e dos mitos universais, surge a força arquetípica, que contribui para o enfrentamento da realidade dura, transformando em sonho arquetípico. Talvez, possa-se dizer que há um predomínio da força lidertípica, no entanto as incertezas presentes nos diversos campos do saber indicam que há sempre uma busca pelo equilíbrio das forças, buscando a riqueza da força osmotípica.

As narrativas contribuem para o entendimento do sentido da vida, pois permeiam toda nossa existência. Quando as oferecemos a alguém, seja em forma de literatura ou de jornalismo, oferecemos uma possibilidade de refletir sobre o significado da experiência humana e de nossas próprias experiências, como afirma a jornalista e pesquisadora, Cremilda Medina (2003, p.48):

Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica.

Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital.

A narrativa jornalística pode apresentar semelhanças à noção de narrativa de Benjamin (1994), pois é um dos mediadores da arena simbólica, permeando o discurso público, dá origem a laços sociais, proporciona um compartilhamento de informações e experiências comuns a todos e, mais que isso, oferece significações comuns acerca do que acontece na sociedade.

Nesse contexto, o jornalismo é uma maneira de organizar o caos do cotidiano, dando a ele forma, conteúdo e compreensão. Entre tantos acontecimentos, alguns deles serão selecionados por critérios de atualidade, veracidade, interesse público, proximidade, ineditismo, intensidade e identificação, para serem pesquisados pelo repórter e serem publicados no jornal, como ressaltam Ferrari e Sodré (1986).

O conflito é característica presente na rotina do jornalismo, pois ele trabalha com as camadas sutis da realidade visível. Há muitas camadas ou níveis em nossa sociedade. Há muitos motivos, nem sempre do mesmo nível, muitas vezes contraditórios, responsáveis pelos fenômenos sucedidos. Como afirma Medina (2003, p.92-93):

O conceito de atualidade esquematiza de tal forma o presente que o acontecimento humano se transforma num fato jornalístico isolado, pontual, sem nexos objetivos nem significados subjetivos. O tempo cultural, mágico, mítico – tão necessário para revelar os protagonistas da ação social nas suas caracterizações individuais -, mal aflora nos chamados perfis da imprensa.

Essa esquematização da atualidade, apontada por Medina, surge de um certo cientificismo no jornalismo, provocado por um movimento social que valorava o uso da neutralidade alegada pela ciência no jornalismo. Desse modo, a objetividade jornalística está ligada à valorização da neutralidade da ciência e é inserida no jornalismo com a intenção de interpretar melhor os acontecimentos que vinham transformando o mundo, para tentar separar o jornalismo das novas áreas da comunicação, as relações públicas e a propaganda, e também para se adaptar às novas formas do texto noticioso (pirâmide invertida e *lead*), o que define um dos pilares estratégicos do discurso jornalístico: a credibilidade.

Em oposição à visão do jornalismo como espelho da realidade, na década de 1970, a notícia passa a ser vista como uma construção. O paradigma da notícia como construção

determina que a notícia continue tendo como referência a realidade, contudo também a constrói e por isso a notícia não pode ser o seu espelho.

A notícia tem como fórmula de construção textual a simplificação do relato por meio das respostas às seguintes perguntas: o que, quem, quando, onde, como e por que, que formam, geralmente, o primeiro parágrafo da notícia e é chamado de *lead*. A pirâmide invertida, que prevê a valorização do aspecto mais importante no início do texto, é o sistema de redação jornalístico mais usado para a notícia. O objetivo do uso das técnicas do *lead* e da pirâmide invertida para contar um fato é que a notícia informe de maneira rápida, clara, objetiva e precisa o seu leitor. Essa gramática de fórmulas vazias, que passam pelo processo neutralizador da ciência, é considerada por muitos estudiosos e jornalistas como superficial e incompleta.

Considerada uma narrativa ampla, mais completa, com informações adicionais e detalhes, a reportagem tem como objetivo principal despertar o interesse humano. Ela abre o debate sobre o acontecimento ou assunto e desdobra-o em seus aspectos mais importantes. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, suas consequências. A reportagem apura as origens do fato, suas razões e efeitos.

A inteligência natural, alimentada pela captação viva e mecânica de informações objetivas, porque visíveis e quantificáveis, produz significados, o que se denomina de produção simbólica. Ou seja, o autor de uma narrativa da contemporaneidade recodifica o real imediato. Ao trabalhar na decifração-cifração do real, o jornalista (ou o comunicador) se expressa no âmbito de sua cosmovisão (MEDINA, 2014, p.115).

Desse modo, a reportagem é o gênero de excelência do jornalismo interpretativo porque busca a compreensão dos fenômenos sociais atuais, as causas e as origens dos fatos e suas consequências, como compreenderam os professores Paulo Roberto Leandro (1947-2015) e Cremilda Medina, no livro *A arte de tecer o presente*, publicado em uma edição artesanal, em 1973. Jornalismo interpretativo foi definido pelos autores como “o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele – não a atitude de valorização desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo.” (LEANDRO; MEDINA, 1973, p.16).

Nesse livro, os professores definiram, também, as quatro linhas epistemológicas da reportagem: “o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o factual imediato), a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo), as raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos

de fontes especializadas”, atualizadas por Cremilda Medina em 2003, na obra *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano* (p.126-127). Esses quatro elementos têm como objetivo proporcionar a intersubjetividade, que resultará no Diálogo Social, outra noção criada e defendida pela pesquisadora. Complementando a ideia dos autores, o jornalista Luiz Beltrão (1980) afirma que o jornalismo interpretativo tem como principal objetivo o preenchimento dos “vazios informativos” deixados no caminho pela superficialidade imposta pela forma da notícia.

A reportagem impressa tem como característica uma abordagem do tema multiangular, pela qual o jornalista estabelece relações entre as causas e as consequências de uma questão contemporânea. No entanto, nas redações, ao se formar a pauta, é possível perceber a ausência da noção de processo, demonstrando a dinâmica e a complexidade do fenômeno, como afirma Medina (1990, p.196): “A visão com que operamos ao pautar e desenvolver uma pauta tende quase sempre para o enquadramento esquemático do real, a atrofia de sua vitalidade enquanto processo.”

A narrativa jornalística produz sentidos acerca da realidade, o que se dá em uma esfera racional, entre outras aptidões do ser humano. Um fator de desenvolvimento da inteligência está em desenvolver um toque sensível ao mundo, alcançando a não racionalidade. Distante da irracionalidade, que também pode ser, em alguns momentos, uma racionalidade deformada porque atrofiou a sensibilidade.

A abordagem filosófica de Dimas Künsch (2000) ensina ao Jornalismo que é preciso compreender mais do que explicar, que é preciso compreender que as histórias, a memória e o testemunho são construídos pela subjetividade humana, mas que é essa a nossa própria história: como contamos e recontamos o que vivemos. Estar sujeito às interferências da memória, da experiência, da vivência, é estar vivo, e admitir-se humano.

A questão dos paradigmas que formam a mentalidade dos jornalistas foi identificada por Medina nos anos 1990 em diversos trabalhos, inclusive laboratoriais, buscando a sensibilização de estudantes de jornalismo, compreendendo o profissional jornalista como um leitor cultural que precisa de permanente formação com novas noções epistemológicas, encontrando na arte, em suas várias expressões, as possibilidades de uma mediação social dialógica, com escuta profunda, que gera a interação social criadora.

As técnicas jornalísticas, fixadas sob a égide do paradigma positivo-funcionalista tendem a se estratificar numa mentalidade reducionista. Ora, se considerarmos que a produção de sentidos é alimentada por noções dessa natureza, podemos compreender por que o sistema de comunicação

social vigente neste momento, no Brasil, reflete um empobrecimento simbólico. Refiro-me, em particular, à informação que circula hoje nos meios. A compreensão do mundo e o discurso que sobre se expressa ganhou grande abertura na ciência contemporânea. Os físicos, por exemplo, nos ofereceram novas noções de pensamento, que convém recuperar:

1. Da noção de sujeito e objeto, passamos à noção de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade.
2. Da noção de causa e efeito, passamos à noção de intercausalidade, uma rede de forças, que se interagem.
3. Da noção de universo sólido, passamos à noção de universo poroso, como um enxame, um redemoinho.
4. Da noção de massa destrutível ou massa indestrutível, passamos à noção de que a massa está em transformação.
5. Da noção de substância e acidente, passamos à noção de relação complexa.
6. Da noção de que existe o ser da matéria e existe sua atividade, passamos à noção de que o ser da matéria e sua atividade não podem ser separados; constituem aspectos diferentes da mesma realidade.
7. Da noção de certo e errado, passamos à noção de que os dados da realidade não estão assim hierarquizados e sim, dentro da noção de coerência, de encaixe e sustentação no todo.” (MEDINA, 1990, p.195).

Para todo projeto de produção jornalística, há o entorno, a proximidade, o estranhamento, o momento do *insight*, a partir de determinado fato, situação, história e personagem. Sensações e impressões que vão se manifestar em uma pauta, que organiza a ideia e o que será preciso para contar aquela história. Então, há uma urgência em fazer essa história vir à tona, em forma de produção jornalística.

A grande contribuição dessa transformação do jornalismo é a busca da humanização, trazendo ao jornalismo proximidade e identificação com o leitor. Transformar o “José Santos, 16” em um homem com história, profissão, características pessoais, físicas, atributos de um ser humano que habita um lugar que o transformou no que é e que também modificou o lugar em que vive.

Nesse sentido, compreende-se que fazer jornalismo é saber olhar para as pessoas de um modo muito humano, compreensivo e de profundo respeito. Esse modo de olhar é compatível também com o ritmo de produção industrial, o *hard news*, no entanto, para conseguir aprofundar-se na história das pessoas, inserindo a análise dos fenômenos sociais, é preciso poder trabalhar mais, e aí o ideal é a produção da reportagem.

O jornalismo tem papel fundamental para a compreensão do mundo, de modo profundo e contextualizado. “O texto de jornal deve ter agilidade, precisão, clareza, mas nada impede que tenha detalhes, que reproduza o contato com a vida, que desperte ternura ou emoção”, como afirma Vicchiatti (2005, p.84). Complementando essa ideia, Edgar



Morin (2000) diz que a informação sozinha, fragmentada, é só um ruído. Para ele, é o conhecimento que organiza a informação em um contexto e realiza o confronto de ideias em um conjunto. Não se trata aqui de uma defesa de uma razão pura, pois como escreve o próprio Morin (2005, p.27): “[...] não há racionalidade sem afetividade. Precisamos de uma dialógica entre racionalidade e afetividade, uma razão mesclada com o afetivo, uma racionalidade aberta.”

Nesse contexto, as narrativas da contemporaneidade, na concepção de Medina (2014), podem contribuir para a abertura dos campos sensíveis de observação e entendimento do ser humano no jornalismo, pois busca a compreensão do que os profissionais identificam como modelo na prática da profissão. Mais do que um modo de narrar uma história, é necessário investigar a produção e a compreensão da reportagem, com o objetivo de tornar o jornalismo pleno na tríade ética-técnica-estética.

Nesse sentido, faz-se relevante a pesquisa dos usos semânticos que nomeiam e refletem a compreensão de uma identidade que se constitui nas relações sociais e políticas, principalmente.

### **Caminhos percorridos**

Na fase inicial deste trabalho, fez-se necessário realizar uma pesquisa exploratória sobre o tema, buscando referências bibliográficas, material para a pesquisa empírica (jornais impressos), fontes documentais e especialistas em diversas áreas do conhecimento. A principal finalidade dessa etapa foi buscar auxílio “na definição de objetivos e levantar informações sobre o objeto de estudo”, como define a pesquisadora Maria Helen Michel (2009, p.40). A ideia central foi “levantar informações que ajudem a entendê-lo (o problema ou tema de pesquisa) melhor”, ainda conforme Michel (2009, p.40).

Lúcia Santaella (2001) define esse momento da pesquisa como *estudos preliminares*, no qual o pesquisador conseguirá informações acerca de seu tema e sua área de conhecimento, relacionando com teorias próprias do campo ou buscando a inter-relação entre diversos campos dos saberes.

As disciplinas cursadas no primeiro ano do curso de Doutorado foram essenciais para o conhecimento e a busca de referências bibliográficas sobre os temas correlatos da pesquisa. Foi necessário participar de alguns eventos considerados relevantes para o desenvolvimento do trabalho para encontrar material específico sobre o tema e ampliar a visão sobre a ideia de investigação.

Desse modo, fez-se necessário levar em conta a complexidade da produção de uma reportagem, assim como da complexidade dos temas abordados e da própria natureza humana, que participa produzindo e oferecendo informações, por meio das técnicas de captação e produção previstas no jornalismo. Desse modo, serão utilizados recursos plurimetodológicos, buscando mais de um modo de captação de dados para análise.

Levando em consideração um estudo sobre a cobertura da implantação do rodízio de carros em São Paulo, realizado pela pesquisadora Cremilda Medina, aborda-se nesta pesquisa muitos dos fatores elencados no trabalho mencionado. Refletindo sobre a pesquisa em comunicação social, dos anos 1920 em diante, Medina (1998, p.27-29) apresenta cinco noções abertas que devem ser consideradas por qualquer estudioso contemporâneo:

1. O jornalismo produz sentidos e é, portanto, um campo de produção simbólica e não neutro e objetivo;
2. A narrativa jornalística, que é a segunda realidade criada pela produção simbólica, tem características específicas em relação às demais narrativas humanas, como “o relato do presente, com projeções e históricos; localização espacial próxima e distante; a singularidade das histórias nos aspectos singulares das narrativas; os cruzamentos entre o cotidiano do senso comum e do conhecimento especializado; e a periodicidade da narrativa”;
3. Como as histórias são tecidas com complexidade e conflito, a pesquisa deve seguir em busca de uma “estratégia compreensiva” em vez de traços explicativos definitivos sobre os temas;
4. Múltiplos personagens e forças de produção simbólica estão envolvidos na tessitura dos significados na cultura. Para dar conta de tal processo, o pesquisador precisa buscar um local de pesquisa, que proporcione uma “experiência de compreensão”;
5. É preciso contar com “o complexo de forças de significação” envolvida nas diversas temáticas narradas.

A pesquisa de campo inicial se caracteriza pela busca do material jornalístico produzido por jornais paranaenses, observando as mudanças sociais e legislativas ocorridas desse período em diante, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990.

## O primeiro momento da pesquisa empírica

No início desta pesquisa, havia-se optado por examinar o jornal Gazeta do Povo, por ser o maior jornal do Estado ainda em circulação. Uma hora de pesquisa, no dia 7 de dezembro de 2015, na Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, localizada no centro da capital paranaense, resultou em dados interessantes e modificou a definição do *corpus* de pesquisa.

Com todas as edições do jornal Gazeta do Povo, desde sua origem, microfilmadas, em uma parceria pública-privada, iniciei a pesquisa por janeiro de 1980<sup>4</sup>, entre os dias 1º e 10. Encontrei as seguintes manchetes:

“Pai espanca e fere menina de sete anos” – Gazeta do Povo, terça-feira, 01/01/1980, 9ª página
“Ano da Criança acabou, mas para 1980 apoio ao menor deve ter continuidade” - Gazeta do Povo, terça-feira, 01/01/1980, 24ª página
“Adolescentes matam pais por dinheiro” - Gazeta do Povo, quinta-feira, 03/01/1980, capa
“Mulher prostituía menores e foi presa” - Gazeta do Povo, domingo, 06/01/1980, 14ª página
“Policia mata menor homicida” - Gazeta do Povo, domingo, 06/01/1980, 14ª página
“Colônia, alegria para as crianças” - Gazeta do Povo, domingo, 06/01/1980, 40ª página
“Mulher degola filhos menores e suicida-se” - Gazeta do Povo, segunda, 07/01/1980, 15ª página
“Menor foi morto a mando de empresário” - Gazeta do Povo, segunda, 07/01/1980, 15ª página

Continuando a pesquisa, a técnica da Biblioteca Pública do Paraná, Josefina Pallazzo Ayres, informou-me que havia um *clipping* com jornais impressos de diversas temáticas. Pedi que separasse para mim, que, à tarde, continuaria a pesquisa. No momento, fiz isso apenas para ser educada. Quando voltei para a pesquisa e comecei a folhear as matérias de jornal nas pastas, percebi que havia um grande potencial de leitura cultural<sup>5</sup> naquele material todo.

<sup>4</sup> Período imaginado anteriormente como recorte para a pesquisa.

<sup>5</sup> Cremilda Medina compreende que o jornalista deve assumir-se como um leitor cultural, pois, ao atuar na mediação social, o profissional deve ter seu olhar enriquecido por uma competência ética, técnica e estética. Tais atributos são conquistados pelo jornalista por sua vivência, por meio da arte e da literatura. “A cosmovisão complexa, apta à múltipla leitura e interpretação se expressa no ato jornalístico por excelência, quando o mediador capta, se relacionar e reporta o real presente; se põe a serviço de um projeto de leitura permanente no ato analítico; e se concretiza no ato expressivo da mensagem mediadora, tendo por objetivo a linguagem da ampla comunicação. Tanto no ato jornalístico (reportagem), quanto no ato analítico (pesquisa,

Foram cinco pastas fornecidas pela técnica da Biblioteca Pública do Paraná com a palavra-chave *menor carente*, uma pasta com a palavra-chave *menor carente – instituições* e outra pasta com a palavra-chave *menor carente – estatuto*. No entanto, é possível encontrar outras palavras-chave no material, como *menor abandonado*, *carente*, *Delegacia de Proteção ao Menor*, *Meninos de rua*, *Menor – Estatuto*, *Menor – Programa*, *Menor abandonado (Estatuto do Menor)*, *Menor carente – Estatuto do Menor*, *Menor carente – Infrator*, *Menor carente – Infrator (Londrina)*, *Menor carente – meninos de rua*, *Menores carentes*, *Menores de rua*, *Menor carente – Rede Esperança*, *Menor carente – Projeto Piá – Projeto de Integração da Infância e Adolescência*, *Projeto Irmão Menor*, *Violência*, *Violência – Crianças desaparecidas*.

Nas pastas foram encontradas reportagens, notícias, materiais oficiais de campanhas de conscientização, entre outras classificações, de quinze jornais e uma revista paranaenses<sup>6</sup>: *Diário do Paraná*; *Folha de Londrina*; *O Estado do Paraná*; *Gazeta do Povo*; *Diário Popular*; *Jornal do Estado*; *Indústria e Comércio*; *Diário de Notícias*; *Agora Paraná*; *Correio de Notícias*; *Folha do Paraná*; *Tribuna do Norte*; *Curitiba Hoje*; *Menino de rua*; *Diário da Tarde*; *Revista Idéia*.

Além dos veículos impressos locais, foram encontrados materiais avulsos, em pequena quantidade, dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, da capital do estado de São Paulo; e o jornal *O Globo*, da capital do estado do Rio de Janeiro.

A riqueza informacional dessas pastas me pegou de surpresa e, apesar de saber que não poderia mais prosseguir a pesquisa sem esse material, estava confusa em como proceder metodologicamente. Em conversa com o grupo de colegas de orientação e com a orientadora, estabeleceu-se que o *corpus* da pesquisa está nessas sete pastas, com o arco temporal de 1969 a 2015. Desse modo, o recorte dado será o da catalogação dos profissionais da biblioteconomia.

Todo o material das sete pastas foi fotografado em alta resolução no dia 7 de dezembro de 2015. O material foi catalogado, inicialmente, em uma planilha, a partir dos seguintes dados: palavra-chave; pastas; título; subtítulo; jornal; data; material jornalístico (classificação).

O maior número da amostra corresponde a material jornalístico informativo, seguido de artigos opinativos, como mostra o Gráfico 1. O primeiro indício aqui pode se referir ao

---

encaminhamento da pauta, formulação de linhas de trabalho) e no ato expressivo (redação e edição), a literatura é uma fonte de sensibilização e refinamento de mundivivência.” (MEDINA, 1996, p.31).

<sup>6</sup> Todos os jornais estão sendo pesquisados, para serem descritos na pesquisa final.

objetivo do arquivo documental realizado no setor de Divisão de Documentação Paranaense, que pretende reunir o maior número de informações e dados relevantes para consulta pública.

O Gráfico 2 mostra os usos semânticos utilizados nos títulos das reportagens e das notícias encontradas. O uso da expressão *menor ou menores* é o que aparece em maior número, em 143 reportagens e notícias, seguido do uso da expressão *criança ou crianças*, em 112 matérias.

A utilização da expressão *menor* é bastante presente nas análises dos estudiosos da infância, em áreas como a sociologia, o serviço social e a psicologia. Um exemplo é a tese de doutorado de Irene Rizzini, publicada em livro, intitulado *O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil*, na qual ela discute “o significado social de que foi revestida a infância na passagem do regime monárquico para o republicano, período crucial na formação do pensamento brasileiro.” (RIZZINI, 1997, p.28).

A autora aponta para uma visão ambivalente em relação à criança: de um lado, a criança simbolizava o futuro da nação, a esperança de que se fosse devidamente educada a criança poderia se tornar útil à sociedade; de outro lado, a criança representava uma ameaça à sociedade, porque começa-se a se ter dúvidas de sua inocência, por isso se for exposta a situações e pessoas ruins, pode vir a ser um problema. Nesse tempo, a relação entre pobreza e violência era forte, presente em muitos estudos sociológicos.

Desse modo, de acordo com Rizzini (1997, p.29, grifos do original), “Do referencial jurídico claramente associado ao problema, constrói-se uma categoria específica – a do menor – que divide a infância em duas e passa a simbolizar aquela que é pobre e potencialmente perigosa; abandonada ou ‘em perigo de o ser’; pervertida ou ‘em perigo de o ser’...”. E é desse modo que a expressão *menor* vai parar nos jornais, depois de já estabelecido o domínio jurídico, médico e assistencial.

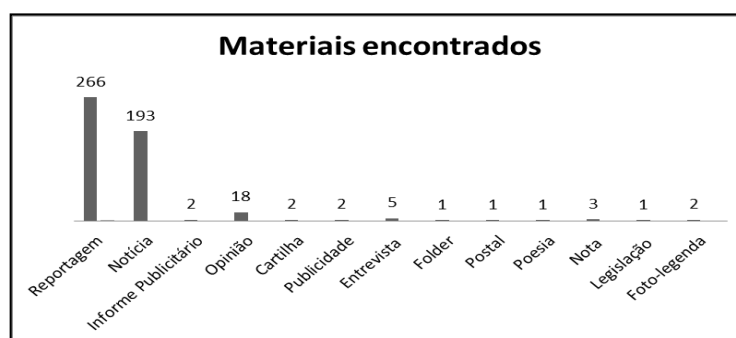


Gráfico 1 – Materiais encontrados

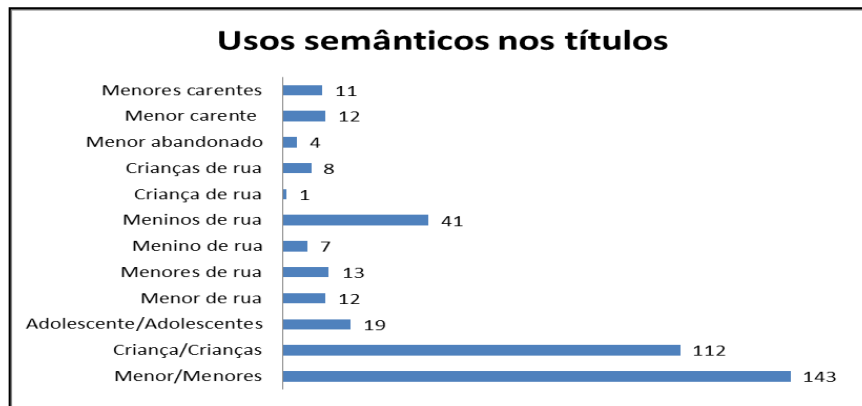


Gráfico 2 – Usos semânticos nos títulos

### Considerações finais

É possível perceber essa construção social sobre o *menor*, desvalido, em formação e potencialmente perigoso, em diversos títulos encontrados na pesquisa. Os principais temas são recuperação; solução do problema do menor; angariar fundos – falta de recursos econômicos e materiais; projetos e programas; miséria; abandono; descaso; legislação – muitas vezes como problema e não como solução; proteção e prioridade; falta de infraestrutura; desrespeito à lei e à criança; escola/educação como solução; quantificação dos meninos de rua; crimes e infrações; segurança; ofício como aprendizado; problema social; entre outros. *Desse modo, percebe-se, preliminarmente, que os títulos, de modo geral, apresentam um desejo de reforma, de tratamento para as crianças-problema, o que não significa, necessariamente, a inclusão das crianças de rua no cotidiano da sociedade, nem como tema a ser debatido.*

Em uma primeira observação preliminar e não sistemática, foi possível perceber uma tendência de reportagens e notícias oficiais, vindas das prefeituras, por meio da Secretaria da Criança ou Ação Social ou Bem-Estar Social, que enaltecem os programas e projetos realizados pela Secretaria municipal, usando o poder da assessoria de imprensa nos veículos de comunicação do Estado. Mesmo sem realizar a verificação de todo o material, de modo a completar todos os dados necessários para uma conclusão mais assertiva sobre as informações, ainda foi possível observar pouca diversidade das fontes de informação e o pouco trabalho de campo de reportagem realizado pelos veículos.

### Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.  
 BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense: 1994. p.197-221.

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Média, 1973.
- MEDINA, Cremilda. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Revista Tríade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, SP, v.2, n.4, p.8-22, dez. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Símbolos & narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.
- \_\_\_\_\_. Jornalismo e a epistemologia da complexidade. In: MEDINA, Cremilda (org.). **Novo Pacto da Ciência – A crise dos paradigmas: 1º Seminário Transdisciplinar**. São Paulo: ECA/USP, 1990. p.193-205.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 26, quadrimestral, p.24-28, abril de 2005.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Petrobrás-BR/Ministério da Cultura/ USU Ed. Universitária/Amais, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers Editores, 2001.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.